



6º Congresso de Pesquisa

REPRESENTAÇÕES DO HOMEM DO SERTÃO

Autor(es)

LUIZ FRANCISCO ALBUQUERQUE DE MIRANDA

Apoio Financeiro

FAP/UNIMEP

1. Introdução

O projeto Representações do homem do sertão (1808-1870), aprovado pelo FAP/UNIMEP em 2006, investigou as caracterizações que, no século XIX, autores estrangeiros e brasileiros apresentaram do interior da região centro-sul do Brasil (compreendendo os atuais estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). O projeto encerrou-se em agosto de 2008 e contou com uma bolsa de iniciação científica concedida pelo FAPIC/UNIMEP. Em 2006 e 2007, diversos Trabalhos de Conclusão de Curso realizados por discentes do Curso de História da UNIMEP também estiveram vinculados ao projeto. Nesta exposição, analiso relatos de viagem de cientistas que estiveram na América portuguesa logo após a chegada da família real em 1808. Além de investigarem a natureza tropical, esses viajantes europeus procuraram definir os tipos humanos e as experiências sociais.

2. Objetivos

O trabalho pretende analisar os relatos dos viajantes como produtos culturais que ajudaram a construir ou consolidar a imagem do sertão como fronteira da colonização portuguesa, ou seja, área limítrofe da penetração da civilização européia na América do Sul.

3. Desenvolvimento

Estudo aqui três naturalistas: o francês Auguste de Saint-Hilaire e a dupla alemã Carl F. von Martius e Johann B. von Spix. O primeiro visitou o centro-sul do Brasil entre 1816 e 1822. Os alemães, de 1817 a 1820, percorreram juntos uma vasta área de São Paulo ao Amazonas. Todos eram naturalistas (Saint-Hilaire e Martius, botânicos, Spix, zoólogo) e mantinham relações estreitas com importantes academias de ciências de seus países de origem (Paris e Munique).

Para compreender como os referidos cientistas representaram o sertanejo, foi necessário, inicialmente, verificar a maneira como eles descreveram o ambiente no qual esse personagem estava inserido, ou seja, o sertão. Na última Mostra Acadêmica, apresentei sumariamente os resultados da primeira parte da pesquisa, indicando como o sertão brasileiro, um vasto espaço sem delimitações precisas, era representado como uma espécie de "deserto" que desafiava o processo civilizador em curso na América portuguesa. Na segunda parte da pesquisa, procurei investigar como os viajantes caracterizaram as populações que viviam nessa área considerada bárbara e "deserta".

4. Resultados

Para os naturalistas, o sertão é um "deserto", portanto seus habitantes vivem isolados. Spix & Martius definem os moradores do norte e do nordeste de Minas Gerais como "primitivos filhos da solidão". A definição comporta ambigüidades. Por vezes os alemães saúdam certos aspectos dessa primitividade. Lembremos um exemplo: os sertanejos mineiros, segundo os viajantes, manifestam um considerável "conhecimento prático" das possibilidades de utilização de plantas e animais nativos, algo decorrente de seu "contato com a natureza" (SPIX & MARTIUS, 1938, p. 239-40).

Entretanto, Spix & Martius frequentemente enfatizam a pequena vivacidade mental do homem do interior. É curioso notar como ele é responsabilizado pelo fracasso dos jornais brasileiros, pois "limitado à comunicação com poucos vizinhos afastados, manifesta pouca atenção pelos acontecimentos do mundo político, e satisfaz-se com a notícia dos principais sucessos que lhe trazem os guias das tropas, quando regressam da costa" (SPIX & MARTIUS, 1938, p. 54). Segundo os naturalistas alemães, o interiorano conhece as plantas e as bestas de seu "deserto", mas não lê jornais e ignora o resto da humanidade. Trabalhando apenas para satisfazer suas necessidades elementares, restrito a relações interpessoais limitadas, ele encontra-se afastado do "mundo político". Seu isolamento e sua economia de subsistência são empecilhos para o desenvolvimento cultural do Brasil.

Como Spix & Martius, Saint-Hilaire aponta vários motivos para o comportamento rústico das populações do interior do Brasil e, mais uma vez, as relações interpessoais restritas, o isolamento e o desconhecimento do mundo exterior surgem como fatores decisivos. No relato da viagem à São Paulo, redigido poucos meses antes da Independência do Brasil, o autor analisa a ignorância dos proprietários rurais de Mogi das Cruzes: "não têm idéias sobre os fatos" que agitam o Império Português e "tanto desconhecem os interesses de seu país quanto fazem confusa idéia das relações do Brasil com a pátria mãe" (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 83-84). Assim, nenhuma forma de inteligibilidade dos problemas políticos é atribuída a esses caipiras que, mesmo quando não são miseráveis ou escravos, permanecem passivos, "indiferentes", pois seu destino está determinado pelo isolamento.

Saint-Hilaire traça algumas comparações entre os europeus pobres e os caipiras de São Paulo que esclarecem seu ponto de vista. Assim, "por menos culto que seja o europeu, por mais baixa que lhe seja a procedência, tem mais idéias do que os brasileiros que não possuem a mínima instrução" (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 103). Mesmo nos encontros festivos manifesta-se a apatia dos caipiras. Comparados aos camponeses da França, os paulistas parecem taciturnos: os primeiros, reunidos no domingo, "cantam, riem, discutem", enquanto os outros "apenas falam, não cantam, não riem e mantêm-se tão tristes depois de ter bebido cachaça, como estavam antes da ingestão dessa bebida alcoólica" (SAINT-HILAIRE, 1972, p. 249-250). Nem a bebedeira aviva a mente desses homens. Mergulhados em seu ambiente rústico, eles definham intelectualmente, conversam e pensam pouco e praticamente não desenvolvem suas faculdades naturais.

O viajante francês insiste na idéia de definhamento intelectual. Relatando uma de suas paradas em um racho na beira da estrada que liga Goiás a São Paulo, ele manifesta profundo incômodo com a suposta apatia dos homens do lugar. Enquanto o cientista examina as plantas recolhidas pelo caminho, um caipira o observa por horas "sem proferir qualquer palavra". Para o cientista europeu, trata-se de um comportamento que denota "estúpida indolência", típico de homens "embrutecidos pela ignorância, pela preguiça, pela falta de convivência com seus semelhantes" (SAINT-HILAIRE, 1972, p. 95). O cientista deprecia a atitude pacata do observador interiorano e procura explicá-la a partir das debilidades de seu caráter e de seu modo de vida.

Apresenta o caipira como alguém incapaz de entender e exprimir em palavras o que observa, ou seja, não consegue produzir conhecimentos nem formular perguntas.

Apesar dessa insistência na restrita vida mental e social do homem do sertão, é importante frisar que Saint-Hilaire pouca vezes encontra um sertanejo completamente solitário, sem ligações com vizinhos e parentes. Na seqüência da passagem citada a pouco, o autor informa que, próximo ao racho onde "examinava plantas" e era observado, mora "grande número de homens, mulheres e crianças". A "falta de convivência", portanto, não alude ao total isolamento dos indivíduos, mas à ausência de certas relações sociais consideradas fundamentais para humanizar os caipiras e retirá-los de sua inércia.

Ao discutir a "vida errante" dos mamelucos paulistas, filhos de índias com portugueses, Saint-Hilaire (1972, p. 170) explicita quais seriam essas relações: os mestiços herdaram das indígenas "a descuidada preguiça" pois, criados por suas mães, "esses homens viviam em completo isolamento, desprezados pelos pais; ninguém procurava elevá-los da ignorância em que jaziam". A criação materna, segundo o viajante, não propiciava a "convivência" capaz de retirá-los do "isolamento" - o que, em termos lógicos, parece contraditório. De qualquer modo, o viajante insinua que a bagagem cultural das índias nada pode ensinar e jamais poderia formar indivíduos sociáveis. Sem a orientação dos europeus (os pais), os mamelucos adotaram comportamentos que inviabilizaram o desenvolvimento de relações sociais consistentes, já que permaneceram nômades, grosseiros e preguiçosos.

No sertão da América portuguesa, a sociedade não se instituiu plenamente e apenas a intervenção efetiva e constante dos europeus estabeleceria laços comunitários duráveis. Enfim, só o processo civilizador poderia produzir uma verdadeira vida social e educaria os apáticos americanos do interior.

5. Considerações Finais

Diante do exposto, parece aceitável afirmar que, nas representações discutidas acima, o homem do sertão era apresentado como incapaz de estabelecer relações sociais consistentes. Segundo os cientistas, as experiências sociais do interior da América portuguesa eram desprezíveis e precisavam ser substituídas pela implementação do modelo europeu de vida civilizada, caso contrário, seus habitantes, a exemplo dos mamelucos de São Paulo, continuariam sendo inúteis e brutos. Convém pensar até que ponto essa percepção do brasileiro do interior, presente em um período anterior à Independência, permanece de maneira residual em nossa cultura e continua, de alguma maneira, a orientar nossas decisões políticas.

Referências Bibliográficas

SAINT-HILAIRE, Auguste. Viagem à província de S. Paulo. São Paulo: Livraria Martins/Edusp, 1972.

SAINT-HILAIRE, Auguste. Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SPIX, J. B. Von e MARTIUS, F. P. Von. Viagem pelo Brasil. São Paulo: Melhoramentos, 1938, volume I.